

O JOGO COMO PROCESSO CRIATIVO E ESPONTÂNEO PARA O ATO DE APRENDER

Carla Dornelles da Silva

Mestranda/UFC, bolsista Capes/ Propag

Ana Paula Vasconcelos de Oliveira Tahim

Mestre em Educação Brasileira/UFC

A Relação Homem e Jogo

Desde os primórdios da civilização o homem teve o desejo e a necessidade de compreender o Universo, movido pela curiosidade, usa a ação, a imitação e a representação, como meio de expressão, procura, assim, influenciar e dominar a natureza. Esta necessidade de movimento-ação se manifesta, através do jogo, que traz consigo um sentido, uma significação.

Percebe-se que a criança, com seus jogos e brincadeiras, nos faz ver entre todas as atividades de comer, beber e dormir, imprescindíveis para o seu organismo, sobressai à atividade lúdica. Pois o que deseja é jogar, desempenhar, criar uma realidade própria no seu mundo do “como se”.

Segundo Monteiro (1999, p.2), em suas brincadeiras de “faz-de-conta”, a criança alcança um pleno domínio da situação, vivendo e convivendo com a fantasia e realidade, capaz de passar de uma a outra, criando, assim, a possibilidade de elaboração de seus anseios e fantasias, é assegurado à criança por algo mais do que a razão ou instinto: a espontaneidade.

Para Moreno (1993) essência do jogo que reside na capacidade de espontaneidade, que faz o surgir no jogo o sentido de liberdade e permitir ao homem “viajar” ao mundo da imaginação e, através dele, recriar, descobrir novas formas de atuação. É importante, pois, que o indivíduo queira jogar e esteja disponível para o jogo, para que não se perca toda a sua seriedade, o seu valor espontâneo e criativo. Posto que em tal fato que reside sua liberdade.

O presente trabalho consiste em compreender a importância do jogo para o desenvolvimento intelectual, corporal, afetivo, visando à apreensão do objeto, a construção do conhecimento, num processo espontâneo e criativo. Partindo das seguintes questões: Como o jogo influencia na construção do conhecimento? Qual a sua relação com o desenvolvimento afetivo/emocional da criança? Qual a importância do ato espontâneo e criativo para o desenvolvimento humano?

Portanto, compreender como o jogo mobiliza a ação corporal, bem como a ação psíquica que permite a criança conhecer o mundo, através de sua observação, experimentação que lhe dá oportunidade de ser espontânea e criativa, tornando-se assim sujeito em interação com o outro, um ser-social.

A Inteligência Nascente: a Construção do Objeto

O desenvolvimento psicológico, mental e orgânico do ser humano, começa no ato do nascimento e termina na vida adulta: orienta-se para o equilíbrio. Assim como o corpo, a

vida psíquica passa por um processo de amadurecimento até chegar ao nível de estabilidade, chegando a seu ápice na forma de equilíbrio final, representado pelo espírito adulto.

O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para outro estado de equilíbrio superior. Assim, do ponto de vista da inteligência, é fácil se opor a instabilidade e incoerências relativas das idéias infantis à sistematização do raciocínio do adulto. No campo da vida afetiva, notou-se muitas vezes, quanto o equilíbrio dos sentimentos aumenta com a idade., finalmente, também as relações sociais obedecem à mesma lei de estabilização gradual. (PIAGET, 1997, p.13).

A evolução do crescimento da criança e do adolescente foi analisada pelo viés do processo da equilibração; é um processo contínuo, gradativo, flexível e com mobilidade do mais estável para outro nível. Neste processo, deve-se considerar uma diferença importante entre os dois aspectos complementares.

Devem-se opor, desde logo, as estruturas variáveis — definindo as formas ou estados sucessivos de equilíbrio — a um certo funcionamento constante que assegura a passagem de qualquer estado para o nível seguinte. (PIAGET, 1997, p.14).

Portanto do ponto de vista funcional, em todos os níveis, a ação exige uma intencionalidade, posto que existam devido a um interesse que a desencadeia, estando baseada numa necessidade fisiológica, afetiva, ou intelectual.

Em todos os níveis, a inteligência procura compreender, explicar, etc; só que as funções do interesse, da explicação, etc. São comuns a todos os estágios, isto é, 'invariáveis' como funções, não é menos verdade — que os 'interesses' (em oposição ao 'interesse') variam consideravelmente, de um nível mental a outro, e que as explicações particulares (em oposição a função de explicar) assumem formas muito diferentes de acordo com o grau de desenvolvimento intelectual. (PIAGET, 1997, p.14)

Considerando que as estruturas as estruturas variáveis são determinadas pela forma de organização da atividade mental, em seus aspectos: motor ou intelectual, afetivo, em suas dimensões individual e social (interindividual). Piaget (1975) ressalta que, a primeira questão a ser formulada, a fim de compreender como a inteligência nascente constrói o mundo exterior, consiste em averiguar se, no decorrer dos primeiros meses, a criança concebe as coisas. Para o autor esta questão está intimamente ligada à noção de espaço, ou seja, um mundo sem objetos não possibilita a troca entre o sujeito e o meio, nem conotaria a homogeneidade espacial e de coerência nas deslocamentos características do nosso universo. Assim, um mundo que é composto de universo espacial, obedece à causalidade, sob a forma de relações entre as coisas, ordenando em sua temporalidade, constitui o mundo exterior diferenciado por suas peculiaridades do mundo interior do sujeito.

Segundo Piaget (1975) a observação e a experimentação combinadas parecem demonstrar que a noção de objeto, se dá pelo processo de aprendizagem através da ação do sujeito sobre o meio, ou seja, a relação sujeito/objeto é dinâmica e

resulta da ação do sujeito. O autor complementa, salientando que a criança pequena não se localiza de imediato no espaço nem compreende uma relatividade absoluta entre os movimentos do mundo exterior e os seus, ela não conseguirá construir imediatamente grupos e objetos.

A acumulação, bem como a sistematização de conhecimentos e comportamentos é que, paulatinamente, resultarão na crença na permanência do mundo exterior, porém, por si só, não bastam para construir a noção de objeto. Para explicar como ocorre a construção do objeto, Piaget (1997), distingue seis estágios de desenvolvimento: o estágio dos reflexos; o estágio dos primeiros hábitos motores e das primeiras percepções organizadas; o estágio da inteligência sensório-motora; o estágio da inteligência intuitiva; o estágio das operações intelectuais concretas, e; o estágio das operações intelectuais abstratas. Segundo Piaget (1997, p.16):

O encontro do objeto exterior desencadeará a necessidade de manipulá-lo; sua utilização para fins práticos suscitará uma pergunta ou um problema teórico. Uma palavra de alguém excitará uma necessidade [...], inversamente a ação se finda desde que haja satisfação das necessidades, isto é, logo que o equilíbrio [...] é restabelecido. Portanto, a ação humana consiste neste movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração.

Assim, a tendência de incorporar coisas e pessoas às estruturas já construídas, e reajustá-las em função das mudanças ocorridas, ou seja, acomodá-las aos objetos externos.

Assimilando, assim, os objetos, a ação e o pensamento são compelidos a se acomodarem a estes, isto é, a se reajustarem por ocasião de cada variação exterior. Pode-se chamar de adaptação ao equilíbrio destas assimilações e acomodações. (PIAGET, 1997, p.17).

Outro aspecto a considerar, é a constituição da noção de tempo que ocorre, concomitantemente, à do espaço e é complementar a noção de objeto. Em outras palavras, ou seja, parte do imediatismo característico do egocentrismo radical a uma relação que possibilita ao indivíduo situar-se coerentemente no universo. Considerando que o tempo confunde-se com as impressões psicológicas inerentes a atitude de expectativa, esforço e de satisfação, ou seja, à atividade do próprio sujeito. Sua duração está relacionada à impressões do mundo exterior.

O Desenvolvimento das Estruturas de Inteligência

O desenvolvimento das estruturas da inteligência, segundo Piaget (1997), é visto como um conjunto de etapas características, chamadas de estágios, sendo os principais: estágio da inteligência sensório motora, estágio da inteligência sensório intuitiva, estágio da inteligência operatório concreto, estágio de inteligência operatório formal.

O estágio da inteligência sensório motora, período vai do nascimento até a aquisição da linguagem, é marcado pelo excepcional desenvolvimento mental. Nesta etapa, o sujeito

constrói seu conhecimento através da ação sobre os objetos, busca a organização progressiva de sensações e movimentos. Do ponto de vista cognitivo, pode-se considerar o desenvolvimento mental da criança como um grande salto quantitativo e qualitativo, por que parte de um estado de indiferenciação que, segundo Piaget (1997), constitui-se do egocentrismo, para atingir o estágio da reversibilidade em nível da ação, dando-lhe a possibilidade de perceber-se como indivíduo.

Desta forma, pode-se inferir que, a permanência do objeto se dá por um processo que envolve a compreensão da existência dos objetos externos, mesmo que estejam fora do campo visual, perceptivo do homem, ao mesmo tempo, como resultante da noção de tempo, espaço e causalidade é elaborada através da ação sobre o objeto.

Segundo Piaget (1997, p.24):

Com o aparecimento da linguagem, as condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e no intelectual. Além de todas as ações reais ou materiais que é capaz de efetuar, como no curso do período precedente, a criança torna-se, graças a linguagem, capaz de reconstruir suas ações passadas sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal. Daí surgem três conseqüências para o desenvolvimento mental, o início da socialização da ação, uma interiorização da palavra, isto é, a aparição do pensamento, e [...] uma interiorização da ação. Portanto, surge a capacidade do indivíduo de simbolizar, o que significa estabelecer uma diferenciação entre o significado e o significante.

Considerando a origem social da linguagem, na qual os significantes sejam de domínio público de acordo com cada sociedade, a fim de que a comunicação se estabeleça, a linguagem é tida como signo, além do símbolo. Um aspecto importante sobre a linguagem, refere-se aos conceitos, aos conectivos que representam uma compreensão lógica dos fatos e objetos.

Neste período, a criança continua pré-lógica, pois seu pensamento ainda não é reversível, no tocante a ser racional e pensa a realidade com intencionalidade, mas sem objetividade na ação.

Desta maneira, Piaget (1997) só existe equivalência quando há correspondência visual ou ótica, pois a correspondência lógica se faz pela intuição. Estas caracterizadas pela rigidez e a irreversibilidade; podem ser comparadas a esquemas perceptivos e atos habituais globais que não podem ser revertidos. Porém, a intuição articulada avança no sentido da mobilidade reversível, a fim de transformá-la em operação. Comparada à lógica, a intuição, do ponto de vista do equilíbrio, é menos estável, dada a ausência de reversibilidade; mas, em relação aos atos pré-verbais, representa uma autêntica conquista.

Segundo Piaget (1997, p.36), desde o período pré-verbal, existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções intelectuais, já que estes são dois aspectos indissociáveis de cada ação:

Apresenta três aspectos importantes e essenciais do desenvolvimento afetivo: 1- Desenvolvimento dos sentimentos interindividuais que estão ligados à sociali-

zação; 2- Surgimento de sentimentos morais intuitivos originados na relação adulto e criança; 3- As regularizações de interesses e valores, ligadas ao pensamento intuitivo.

A partir dos sete anos observa-se modificações significativas no desenvolvimento mental, surge um aspecto importante, a concentração individual, onde o sujeito consegue trabalhar sozinho e colabora com o social. Outro ponto relevante diz respeito à linguagem, esta deixa de ser egocêntrica e surge “a necessidade de conexão entre as idéias e de justificação lógica” (PIAGET, 1997, p.41).

Em relação ao comportamento coletivo ocorre uma evolução em relação às atitudes sociais. Nesta fase, a criança já tem condições de estabelecer regras e controlá-las, a fim de garantir a igualdade entre os membros do grupo, no jogo, observa-se que o coletivo supera os interesses individuais.

Pode-se afirmar que é o início da construção lógica do pensamento, sendo este, o sistema que coordena o conjunto de pensamentos entre si. Também para a afetividade este sistema resulta numa moral de cooperação e de autonomia pessoal, opondo-se à moral intuitiva de heteronomia própria das crianças. “Os instrumentos mentais que vão permitir esta dupla coordenação lógica e moral, são constituídos pela operação, no tocante à inteligência, e pela vontade, no plano afetivo.” (PIAGET, 1997, p.43).

Neste sentido, o autor refere-se à relação racional de causa e efeito que acontece pela identificação, quando, nas crianças, o animismo cede o lugar para um tipo de causalidade,

baseada no princípio de identidade, como este o princípio lógico dominasse a razão. Neste processo a assimilação egocêntrica passa à assimilação racional, o que significa que transforma a realidade pela própria razão. Portanto este processo resulta na progressiva organização das ações reversíveis ao nível de pensamento; como também a noção de conservação que é estruturada nesta fase, das operações concretas.

Continuando, Piaget (1997), afirma que é no período das operações concretas, que são evidenciados as seguintes operações: I(identidade), a massa do objeto continua a mesma; N(negação ou inversão): a forma pode sofrer modificações, mas mantém a mesma quantidade de massa e pode voltar a forma original; R(reciprocidade): mantém a quantidade, mas a forma pode ser diferente. Desta forma, conclui-se para a compreensão destes fenômenos é necessário o uso das operações mentais (inteligência) e da percepção.

Quando o indivíduo chega à adolescência no período das operações formais tem a possibilidade de construir sistemas e teorias. Segundo Piaget, esta fase caracteriza-se por ser a última descentração do pensamento, pois ao desvincular o conteúdo (concreto) da forma (formal), traz o irreal para o mundo tangível, mesmo que ainda não vivido.

O pensamento formal é, portanto, “hipotético-dedutivo”, isto é capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de uma observação real. Suas conclusões são válidas, mesmo independentemente da realidade de fato, sendo por isto que esta forma de pensamento envolve uma dificuldade e

um trabalho mental muito maiores que o pensamento concreto. (PIAGET, 1997, p.59).

Neste período, a reversibilidade é ampliada, pois coordena os processos de inversão e reciprocidade de modo equivalente ao grupo matemático INRC: I (identidade); N (negação); R (recíproca) e C (correlativa) — segundo Garakis (1998), esta tem a função de controlar o resultado de hipótese que supõe a reciprocidade (R) com relação à hipótese inicial (I), ou seja, $C=NR$.

A Importância do Jogo para o Ato de Aprender

É importante ressaltar que, o ato de brincar, está intrinsecamente ligado ao comportamento exploratório inerente ao ser humano, por isso da importância em abordar do jogo para o ato de aprender, suas implicações pedagógicas e o papel que desempenha no desenvolvimento das estruturas cognitivas.

Segundo Chateau (1987), a criança que efetivamente joga leva a sério essa atividade. Essa seriedade é peculiar à atitude lúdica da natureza do jogo infantil, é misteriosa e encantadora. A atitude estética a atitude do sábio se assemelham a atitude lúdica sendo esta a fonte comum de todas as atividades superiores.

Desta forma, a criança terá condições de integralizar as ações à aprendizagem, principalmente, na fase da alfabetização, segundo Ferreiro (1991, p.13):

A concepção teórica piagetiana de uma aquisição de conhecimentos baseadas na atividade do sujeito em

interação com o objeto do conhecimento aparece também como sendo ponto de partida necessário para qualquer estudo da criança confrontada com esse objeto cultural que constitui a escrita.

Assim, Luckesi (2000) corroborando com o pensamento de Piaget, afirma que o ato de brincar consiste em atividades que propiciam uma experiência de plenitude na qual os sujeitos se envolvem por inteiro, estando flexíveis e saudáveis.

Quanto ao jogo, Fortuna (2001), afirma que é composto de ações vividas e sentidas, não definíveis por palavras, mas compreendidas pela fruição, povoadas pela fantasia, pela imaginação e pelos sonhos que se articulam como teias forjadas com materiais simbólicos.

Também, Blatner (1998) salienta a importância do adulto de permitir ações estimulem a criatividade e espontaneidade, o jogo deve ter um caráter livre, prazeroso, sem limitações de espaço e tempo pré-fixados, ter um caráter incerto cujo desenrolar não seja possível determinar, bem como seu resultado, é terapêutico sem ser psicoterapêutico, as regras são combinadas entre os participantes, carregadas de simbolismos e fantasia, podendo ser real na categoria do momento, aqui-agora.

Ainda sobre o jogo, Moreno (1993) afirma que o jogo viabiliza ao indivíduo dar uma resposta adequada às situações novas, bem como novas respostas a situações velhas, considerando que o homem fica paralisado ante as determinadas situações, regras e normas sociais. O jogo lhe devolve a capacidade de superação, liberando sua capacidade criativa e es-

pontânea, ou seja, uma forma de liberar o corpo e a mente dos condicionamentos culturais e sociais.

Considerações Finais

Para a compreensão do homem em suas relações com o mundo externo e interno, entende-se necessário priorizar, o respeito à realidade social, isto é, entender a intimidade social. Neste contexto a criança, como ser nascente e vivente torna-se um sujeito no mundo interagindo com os demais, em suma, deve-se considerá-la em seu contexto situacional e histórico, como-pessoa-sujeito-totalidade.

Desta forma, o jogo, como atividade, possibilita ao sujeito expressar-se livremente as criações do seu mundo interno, representando-as na forma de papel, através da produção mental de suas fantasias ou pela ação corporal.

Portanto, função pedagógica do jogo a ser explorada parte da espontaneidade que a leva a criar situações hipotéticas, questionamentos, experiências, a se envolver afetivamente e efetivamente ao ato de aprender. No momento em que a criança está conhecendo o mundo, observando-o e experimentando-o caracteriza-se como o mais sublime ato de criação.

Mediante o presente estudo o jogo apresenta um caráter misterioso e encantador, fornece um verdadeiro laboratório de observações onde se tem uma visão integralizadora da criança. Assim, a criança aprende, efetivamente, brincando e todos os conteúdos podem ser desenvolvidos a partir de uma prática lúdica. Quanto mais cedo houver a compreensão de

que a educação progride quando houver um esforço dentro da concepção do brinquedo sério, tanto melhor será para o sistema educacional.

O processo de democratização da escola pública, a busca da eficiência, eficácia da educação é um processo complexo e multifacetado, pois ora promove a alienação do homem, ora constrói uma consciência democrática, pois mexe com a subjetividade humana. Assim, neste contexto, o jogo pode vir a ser um meio de viabilizar um processo educativo que valoriza uma cultura libertadora e humanista.

Conclui-se que o jogo abrange as diversas relações da comunidade escolar, grupo/sociedade, grupo/grupo, indivíduo/grupo, indivíduo/individuo, sob o ponto de vista democrático que permite que o aluno participe ativamente, como protagonista da construção do conhecimento e, assim, do processo de empoderamento do conhecimento histórico-social de sua realidade, com vistas à qualidade da educação pública.

Referências

BLATNER, Adam e Alee. *Uma Visão Global do Psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Editora Ágora LTDA, 1988.

CHATEAU, Jean. *O Jogo e a Criança*. Trad. Guido de Almeida. São Paulo. 1987.

FERRERO, Emilia. *Psicogenese da Língua Escrita*. 4ª. Ed. Porto Alegre, artes Médicas, 1991.

FORTUNA, Tânia Ramos. *Formando professores na Universidade para brincar*. In: SANTOS, Santa Marli P. dos (org.). *A ludicidade como ciência*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.116.

GARAKIS, Solange C. *Divulgando Piaget: exemplos e ilustrações sobre a Epistemologia Genética*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

LUCKESI, Cipriano C. *Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biosíntese*. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) *Ludopedagogia – Ensaio 1: Educação e Ludicidade*. Salvador: Gepel, 2000.

MONTEIRO, Regina. *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORENO, J.L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1993.

PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva – 22^a. Ed.-Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. 2^a. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, Santa Marli P. dos (org.). *A ludicidade como ciência*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PROBLEMATIZAÇÕES: ENSINO DE FILOSOFIA

Paulo Deimison Brito dos Santos

Graduando do 8º semestre do curso de Licenciatura em Filosofia pela UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, CFP – Centro de Formação de Professores.
E-mail: paulodms@hotmail.com.

A Presença da Filosofia

Os conhecimentos filosóficos nos convidam a investigar nossas capacidades cognitivas para busca incessante de superação e dedicação a questões indispensáveis à vida, abrangendo a existência, a política, a ética, a ciência, a arte e etc.

Abbagnanno, discorrendo sobre a definição de Filosofia, retoma o pensamento de Platão, e nos diz que:

Filosofia é o uso do saber em proveito do homem. Platão observa que de nada serviria possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse utilizar a imortalidade, e assim por diante. É necessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber utilizar o que é feito, e esta ciência é a Filosofia. (Eutid., 288 e 290 d).¹

Percebemos nesta reflexão que o conhecimento filosófico é indispensável ao auxílio do fazer humano, o que nos possibilita diferentes vias de conhecimento do próprio homem e

¹ ABBAGNANNO. Nicola. *Dicionário de Filosofia*, p. 442.